

# Poema de Carlos Drummond de Andrade\*

Versão espanhola de  
José Cláudio de Almeida Abreu

---

\* ANDRADE, Carlos Drummond de. *As Impurezas do Branco*. 2ª edição. Rio de Janeiro, Livraria Olympio Editora, 1974. p. 62.

## SONETO DE LA LOCURA

Mi casa pobre es tan rica de quimera  
y si voy sin destino a tronar espantos,  
mi nombre ha de romper nebulosas eras  
tal cual Pentapolín, rey de Garamantas.

Rueda en mi cabeza el tropel de batallas  
jamás vistas en el orbe o en el infierno.  
Si de la cocina viene olor al ajo  
lo que a él recojo es el olor a gloria.

Doncellas a salvar hay mil en la Tierra,  
yo parto y mi rocín, chispa, espada, grito,  
entuerto enderezando, héroe de hierro,

y nunca duermo y no como sino nubes,  
en el ardiente afán de que la bendita  
Edad de Oro y Sol baje de las alturas.

## SONETO DA LOUCURA

A minha casa pobre é rica de quimera  
e se vou sem destino a tropejar espantos,  
meu nome há de romper as mais nevoentas eras  
tal qual Pentapolim, o rei dos Garamantas.

Rola em minha cabeça o tropel de batalhas  
jamais vistas no chão ou no mar ou no inferno.  
Se da escura cozinha escapa o cheiro de alho,  
o que nele recolho é o olor da glória eterna.

Donzelas a salvar, há milhares na Terra  
e eu parto e meu rocim, corisco, espada, grito,  
o torto endireitando, herói de sede e ferro,

e não durmo, abrasado, e janto apenas nuvens,  
na férvida obsessão de que enfim a bendita  
Idade de Ouro e Sol baixe lá das alturas.